

Apoio incondicional ao plano só virá depois

por Antonio Gutierrez
de São Paulo

O plano econômico apresentado pelo ministro Dilson Funaro, da Fazenda, a parlamentares do PMDB, na última quinta-feira, gerou expectativas otimistas entre alguns empresários ouvidos por este jornal. Contudo, um apoio incondicional só virá com uma exposição dos detalhes do programa para se chegar às metas propostas.

"Temos dúvidas em relação aos reajustes de preços industriais", afirmou Hessel Horácio Cherkassky, presidente da Associação Nacional dos Fabricantes de Papel e Celulose. Para ele, é necessário um "clima de confiança" para a concretização dos investimentos que só virá através de uma estabilidade econômica.

Cherkassky reconhece que algumas medidas positivas já foram tomadas, mas teme o custo do investimento e a impossibilidade de não poder repassá-lo. Ele acha "elevada demais" a previsão de um crescimento de 7% ao ano. "Neste ano devemos crescer em torno de 4 a 5%", prevê.

POSSIVEL ATINGIR METAS

Para o presidente da Federação do Comércio do Estado de São Paulo, Abram Szajman, "é possível atingir as metas propostas, mas é preciso que a sociedade acredite". Ele vê no corte do déficit público um ponto "extremamente importante" para a redução da inflação e dos juros. "É o que temos pedido, falta agora a execução".

Szajman voltou a defender a "liberação total dos preços". O controle de preços, mesmo que limitado, é considerado "indevido" pelo empresário. Para ele, este fato "não prejudica apenas o desempenho do comércio, mas do País". Em relação à dívida externa ele vê a possibilidade de acordo através do diálogo. "Não queremos monitoramento com recessão", afirmou, ao abordar a possibilidade de uma aproximação do Fundo Monetário Internacional (FMI).

A negociação da dívida externa, a redução do déficit público e a rápida liberação de recursos para as pequenas e médias empresas são os pontos principais para a efetivação do plano apresentado por Funaro. Essa é a posição do presidente da Associação Commercial de São Paulo, Roméo Trussardi Filho. "Os recursos para as pequenas e médias empresas deviam ser dobrados", disse. Segundo Trussardi, a liberação total de preços deve ser retomada, controlando-se apenas os oligopólios e monopólios.

"Está faltando um programa econômico para o País", afirmou o presidente da Associação Brasileira das Indústrias de Alimentação, Edmund Klotz. As medidas anunciadas por Funaro são apenas setoriais, "não estou vibrando, faltam informações", disse ele.

A solução da dívida externa deve partir de medidas internas que gerem superávit. Klotz "não vê grande drama" no fato de a economia brasileira vir a ser monitorada pelo FMI, "que tem poder de facilitar as coisas para o Brasil".